

O PEQUENO PRÍNCIPE E O PRÍNCIPE VOGELFREI: SAINT-EXUPÉRY E NIETZSCHE

THE LITTLE PRINCE AND THE PRINCE VOGELFREI: SAINT-EXUPÉRY AND NIETZSCHE

André Diogo Santos da Silva¹
Ernani Chaves²

Resumo: Propõe-se uma discussão filosófica sobre uma ideia central contida na obra *O Pequeno Príncipe*, de Saint-Exupéry: o ato de cativar. Esta discussão será feita utilizando os conceitos nietzschianos de espírito cativo e espírito livre. Enquanto o príncipe de Saint-Exupéry permite uma exemplificação do espírito cativo, Nietzsche oferece outro tipo de príncipe que pode ser considerado um espírito livre: o Príncipe *Vogelfrei*. Desta forma, tem-se como objetivo analisar a obra *O Pequeno Príncipe* em viés filosófico nietzschiano, atendo-se, principalmente, à figura do “Príncipe *Vogelfrei*”, elaborada pelo filósofo alemão. Caracteriza-se o “Pequeno Príncipe” predominantemente como espírito cativo e, a seguir, desenvolve-se a ideia de espírito livre em Nietzsche através da metáfora de pássaro encontrada em obras do próprio filósofo, bem como em *O pequeno príncipe*. E, por fim, o Príncipe *Vogelfrei* será comparado ao Pequeno Príncipe, principalmente através das interpretações das figuras do pássaro e da raposa, que podem ser observados como desdobramentos dos conceitos de espírito livre e espírito cativo.

Palavras-chave: Espírito Cativo. Espírito Livre. O Pequeno Príncipe. Príncipe *Vogelfrei*.

Abstract: It is proposed a philosophical discussion about a central idea contained in Saint-Exupéry's *The Little Prince*: the act of captivating. This discussion will be done using the Nietzschean concepts of captive spirit and free spirit. While the prince of Saint-Exupéry allows an exemplification of the captive spirit, Nietzsche offers another type of prince who can be considered a free spirit: the Prince *Vogelfrei*. In this way, the objective is to analyze the work *The Little Prince* in philosophical nietzschean bias, attending, mainly, to the figure of the “Prince *Vogelfrei*”, elaborated by the German philosopher. The Little Prince is characterized predominantly as a captive spirit, and then the idea of free spirit is developed in Nietzsche through the bird metaphor found in works of the philosopher himself, as well as in *The Little Prince*. And finally, Prince *Vogelfrei* will be compared to the Little Prince, mainly through the interpretations of the figures of the bird and the fox, which can be observed as unfolding of the concepts of free spirit and captive spirit.

Keywords: Captive Spirit. Free spirit. The Little Prince. Prince *Vogelfrei*.

¹Mestrando em Filosofia na Universidade Federal do Pará. Bolsista CAPES. E-mail: andrediogomusico@hotmail.com

² Professor da Universidade Federal do Pará. E-mail: erna.nic@hotmail.com

1. Introdução

A obra *O pequeno príncipe* (*Le Petit Prince*), de 1943, do escritor e piloto francês Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944), é um pequeno livro que contém grandes reflexões sobre o mundo da criança e dos adultos, a amizade, entre outros temas nos âmbitos literário, político, social e filosófico. Recentemente, em 2015, com os setenta anos da morte de Saint-Exupéry, a referida obra passou a ser de domínio público, o que permitiu o aumento no número de publicações da mesma, bem como das discussões em torno das ideias contidas naquela obra.

Uma das principais ideias do livro ocorre na seguinte frase da raposa, que diz ao pequeno príncipe: “Tu te tornas eternamente responsável por tudo aquilo que cativas” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 74). Assim, aquilo que se cativou, conquistou, que se tornou amigo ou com a qual se “criou laços” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 67) será algo pelo qual se terá, eternamente, uma responsabilidade. O espírito cativo, ou seja, aquele que foi cativado, torna-se responsabilidade daquele que o cativou. Contudo, percebe-se neste momento um problema que se inicia ao se indagar se a pessoa cativada não pode ser responsável por si própria, problema este que culmina em um questionamento ainda mais incisivo: aquele que foi cativado é livre?

Para auxiliar em uma discussão sobre o ato de cativar em *O pequeno príncipe*, serão utilizadas algumas reflexões do filósofo Friedrich Nietzsche³ (1844-1900), destacando-se a oposição entre o espírito livre e o espírito cativo. As reflexões nietzschianas aqui utilizadas foram produzidas no período compreendido entre 1876 e 1882, justificando-se tal recorte pelo fato do próprio Nietzsche ter denominado este período como sua “*Freigeisterei*” (KSB 6, Nr. 256), ou seja, o período onde se desenvolveu o ideal de espírito livre (*Freigeist*). Neste momento, foram publicados os seguintes escritos: *Humano, demasiado humano I* (1878), *Opiniões e sentenças diversas* (1879), *O andarilho e sua sombra* (1880), *Aurora* (1881), *Idílios de Messina* (1881) e *A Gaia Ciência* (1882).

³ Para os escritos de Nietzsche, serão utilizadas as seguintes abreviações: HH I (*Humano, demasiado humano* (vol. 1)), IM (*Idílios de Messina*), GC (*A gaia Ciência*), BM (*Para além de bem e mal*), KGW (*Kritische Gesamtausgabe*), KSB (*Sämtliche Briefe: Kritische Studienausgabe*).

A relação entre *O pequeno príncipe* e algumas considerações filosóficas nietzschianas é justificada e fortalecida, na medida em que Saint-Exupéry foi um leitor de filosofia e entre os seus filósofos preferidos, encontrava-se Nietzsche (GOMES, 2003, p. 75)⁴. Saint-Exupéry se beneficiou do fato de que foi, sobretudo a partir de 1900, que Nietzsche começou a ser traduzido para o francês (SAGNOL, 2009, p. 105), coincidindo com o nascimento de Saint-Exupéry. Entretanto, *Assim falou Zaratustra*, a obra de Nietzsche que foi lida desde a adolescência por ele (WANG, 2015, p. 118), traduzida por Henry Albert, já estava, juntamente com *Além de bem e mal*, publicada desde 1898 (SAGNOL, 2009, p. 105; LE RIDER, 1999, p. 54). Apenas entre 1899 e 1909 foram traduzidos *O crepúsculo dos ídolos*, *O caso Wagner*, *Nietzsche contra Wagner*, *O anticristo*, *A genealogia da moral*, *A gaia ciência*, *Aurora*, *O nascimento da tragédia*, *O viajante e sua sombra*, *Considerações extemporâneas*, *Ecce homo* e um volume de poesias. Em 1903, é publicada *A vontade de potência*, compilação fraudulenta dos póstumos de Nietzsche, sob os auspícios de sua irmã Elizabeth Förster-Nietzsche. O impacto de Nietzsche sobre a intelectualidade e a cultura francesas foram tão grandes, que já em 1929, Geneviève Bianquis publicava um longo estudo acerca do “Nietzsche na França”. Nessa perspectiva, quando Saint-Exupéry cursa o ensino médio, concluindo-o em 1917, ele teve a oportunidade de ler bastante a obra de Nietzsche e de discuti-la no círculo de intelectuais, escritores e artistas que ele passará a frequentar nos anos posteriores à Primeira Guerra, dentre os quais se encontravam, por exemplo, André Gide, que escreverá o prefácio de *Voo noturno*, do editor Gaston Gallimard e de Jacques Rivière, escritor e amigo de Proust. Daí que, em diversas situações de seus romances e por meio de alguns personagens, percebe-se a presença de Nietzsche. Nessa perspectiva, segundo Wang, cujo artigo foi referido logo acima, Exupéry partilha com Nietzsche o mesmo sentimento de que a existência humana se encontra permanentemente em perigo,

⁴ Cf.: “Lembremos que Saint-Exupéry foi um grande leitor de filosofia, e que, sabidamente, Nietzsche constava como um dos seus nomes preferidos, em especial na maturidade do escritor. Nietzsche (2004, p. 190), o mesmo autor que, num aforismo, definiu o seguinte: “O amigo não mais desejado. - O amigo cujas expectativas não podemos mais satisfazer preferimos ter como inimigo”. Interessante remeter às palavras que o próprio Nietzsche (2004, p. 9) usará, logo no prólogo deste livro. Ao escrever em primeira pessoa, ele chama os seus leitores de “meus pacientes amigos”. Nesta inspiração nietzscheana, em que o companheiro idealizado é “paciente”, onde um amigo, a princípio, jamais é o “agente”, o nosso “juiz”, mas antes o alvo móvel no sentido do próprio alvo de nossos desejos e expectativas, uma vez que se o deixa de ser, também rompe o laço de amizade, onde as expectativas eram cumpridas” (GOMES, 2003, p. 75).

o que a profissão de aviador do próprio Saint-Exupéry e de seus personagens em livros como *Correio sul* (1929) e *Voo noturno* (1931) expressam de maneira contundente.

Saint-Exupéry divide, portanto, com toda uma geração de leitores franceses de Nietzsche, o entusiasmo pelo anticristianismo, pelo imoralismo, pela ideia de vida expandida, pela vontade de poder, num momento histórico bem preciso, que é o período entre guerras. Em *Correio sul*, por exemplo, a presença de um “mestre de filosofia”, permite que Exupéry se expresse sobre Descartes, Pascal, Taine e Nietzsche. A posição desse “mestre” sobre Nietzsche é bem significativa da ambiguidade que a contundência e radicalidade do pensamento de Nietzsche provocava na época, entre seus leitores: por um lado, ele “via em Nietzsche o mais cruel inimigo para os meninos que saem do colégio”, mas acrescenta que ele mesmo “era perturbado pelo próprio Nietzsche” (2015).

Apesar de outros estudos⁵ terem abordado uma certa “influência positiva” da filosofia nietzschiana sobre Saint-Exupéry e observando certas semelhanças entre os autores, o presente trabalho tentará traçar um caminho diferente, que indague possíveis relações conflitantes entre noções encontradas em *O pequeno príncipe* e no período da *Freigeisterei* de Nietzsche.

Ora, em Nietzsche, no período da *Freigeisterei*, pode-se encontrar também a figura de um príncipe, que difere do pequeno príncipe de Saint-Exupéry por não ser um espírito cativo – o príncipe nietzschiano é livre (*frei*), tal como um pássaro (*Vogel*): o príncipe encontrado em Nietzsche é o *Príncipe Vogelfrei*. Este é o título de um dos poemas dos *Idílios de Messina* (1881), coletânea de poemas de Nietzsche; além disto, a expressão “Príncipe *Vogelfrei*” irá compor, em 1887, na segunda edição de *A Gaia Ciência*, o título de outra coletânea de poemas: *Canções do Príncipe Vogelfrei*.

Desta forma, tem-se como objetivo analisar a obra *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, na perspectiva nietzschiana, atendo-se, principalmente, à figura do “Príncipe *Vogelfrei*”, elaborada pelo filósofo alemão. A hipótese investigativa deste trabalho consiste em afirmar que o “pequeno príncipe”, comparado ao Príncipe *Vogelfrei*, pode ser considerado um espírito cativo, enquanto o último corresponde ao conceito nietzschiano de espírito livre.

⁵ Como, ainda, Gomes (2003) e Vasconcelos (2000).

2. O Pequeno Príncipe: entre o espírito livre e o espírito cativo

Como foi dito, a noção de espírito livre em Nietzsche foi desenvolvida no período de sua *Freigeisterei* (1876-1882). Na primeira obra deste período – *Humano, demasiado humano I* –, Nietzsche faz uma oposição entre o espírito livre e o espírito cativo. Enquanto o primeiro é livre do “seu meio, sua posição e função” ou, em outros termos, da sua moralidade, o segundo está atado à tradição (HH I, §225). Além disto, o espírito livre é aquele que tem a seu lado “o espírito da busca da verdade”, enquanto o espírito cativo reforça ou defende, com a sua “fé”, as verdades (ou inverdades) já criadas (HH I, §225).

Pode-se interrogar, desta forma: em qual dos dois conceitos acima (espírito livre ou espírito cativo) o “pequeno príncipe” seria melhor caracterizado? Tal questão possui, a princípio, dois caminhos.

Por um lado, percebe-se que o pequeno príncipe, durante a sua viagem, tem a intenção de conhecer muitas coisas. Antes, porém, é necessário, de forma sucinta, relatar o modo como ele se encontrava. O “pequeno príncipe” vivia tranquilamente em seu planeta, o asteroide B 612, um lugar um pouco maior que uma casa. Neste lugar, o pequeno príncipe cuidava de seus vulcões, podia contemplar as estrelas e ver o nascer do Sol diversas vezes ao dia. Contudo, o mais importante para ele era a sua flor, que era única em seu mundo. Ele tratava cuidadosamente dela, arrancando, inclusive, os baobás que poderiam colocar a sua flor em perigo. Entretanto, ela era muito vaidosa e mentirosa, e isto fez com que o pequeno príncipe começasse a duvidar do seu bem mais precioso. Devido à vaidade e mentiras da flor, o pequeno príncipe decide partir de seu planeta (asteroide B 612) em direção a outros locais. Diz o narrador, a respeito do início da viagem do pequeno príncipe: “Ele se encontrava na região dos asteroides 325, 326, 327, 328, 329 e 330. Começou então a visitá-los em busca de uma ocupação e para se instruir” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 36). Assim, o pequeno príncipe irá conhecer diversos planetas e, desta forma, busca o conhecimento⁶ dos mesmos, assim como o espírito livre

⁶ A questão de que o pequeno príncipe busca o conhecimento pode ser enriquecida se for lembrado que ele sempre fazia perguntas, tal como um filósofo (Sócrates, por exemplo). Percebe-se esta característica mais acentuada em *O pequeno filósofo*, de Gabriel Chalita (2011), obra que é muito influenciada por *O pequeno príncipe*.

também realiza esta mesma busca – ambos têm “pelo menos o espírito da busca da verdade” (HH I, §225).

Há, todavia, outro caminho ao questionamento anterior, pois, embora o pequeno príncipe busque conhecer outros lugares, ele não consegue se libertar do mundo em que vivia e da sua flor. A sua forma de pensar não é livre, mas sim está sempre conectada com aquilo que ele mais amava – a sua flor:

- Eu não deveria tê-la escutado – confidenciou-me um dia –, não se deve escutar as flores. Basta olhá-las e aspirar seus aromas. A flor perfumava meu planeta, mas eu não sabia como desfrutar disso. Aquela história das garras, que tanto me aborrecera, eu deveria ter dado mais atenção...

Ele me revelou ainda:

- Eu não soube compreender nada! Eu deveria tê-la julgado pelos seus atos e não pelas suas palavras. Ela me encantava e me perfumava. Eu não deveria jamais tê-la abandonado. Deveria ter percebido sua ternura por detrás de suas palavras mentirosas. As flores são tão contraditórias! Mas eu era muito novo para saber amar. (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 33-34)

O pequeno príncipe ama a sua flor, de tal forma que se arrepende⁷ do ato de ter partido de seu planeta. Este amor e encanto que a flor produzira no pequeno príncipe constitui algo diferente de um elemento racional. Neste sentido, pode-se afirmar que ele não exige razões, mas fé de si mesmo para com sua amada. Desta forma, utilizando o trecho final do aforismo 225 de *Humano, demasiado humano I* – “ele [o espírito livre] exige razões; os outros [os espíritos cativos], fé” –, pode-se afirmar que o pequeno príncipe é um espírito cativo.

O amor do pequeno príncipe pela flor faz com que ele fique ligado a ela. E o ato de cativar é, justamente, esta ação de ligação e conexão que há entre ambos – como diz a raposa, para se cativar, é necessário “criar laços” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 67). O vocábulo cativar, consultando-se um dicionário, tem os seguintes significados: “**1.** Tornar cativo; capturar. **2.** Ganhar a simpatia, a estima de; encantar. *P.* **3.** Tornar-se cativo; ficar sujeito. **4.** Apaixonar-se.” (FERREIRA, 2000, p. 140). Já “cativo” ganha a seguinte definição: “**1.** Que não goza de liberdade; encarcerado. **2.** Prisioneiro de guerra. **3.**

⁷ Este sentimento de arrependimento aparece explicitamente no diálogo do pequeno príncipe com o geógrafo, no capítulo XV (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 56).

Forçado à escravidão. *sm.* 4. Indivíduo cativo.” (FERREIRA, 2000, p. 140) Assim, por amar a sua flor e cativá-la, o pequeno príncipe é um prisioneiro dela (o cativo é também aquele que está em um “cativeiro”) e da relação que mantém com a mesma. E, por não conseguir se libertar da flor, mesmo quando sai de seu planeta, o pequeno príncipe não se torna um espírito livre: ao contrário, ele permanece um espírito cativo.

A característica do espírito cativo como prisioneiro pode ser encontrada em *A Gaia Ciência*:

O CATIVO

A. Ele para e escuta: o que o perturba?

Que coisa lhe zumba aos ouvidos?

Que foi que o atingiu?

B. Como todos os que usaram grilhões,

Em toda parte ele ouve – grilhões a tinir. (GC, Brincadeira, Astúcia e Vingança, 32)

Este que sempre ouve os grilhões tinindo, mesmo estando longe deles, é o prisioneiro ou, como o título do poema denomina, “o cativo”. Em se tratando do pequeno príncipe enquanto um prisioneiro, os grilhões que sempre ficam tinindo em sua mente são as lembranças que ele tem constantemente de sua flor, mesmo após estar em planetas e asteroides tão distantes dela.

Em Nietzsche, além do caráter de prisioneiro, é a fé – tal como a encontrada anteriormente na relação do pequeno príncipe com a flor – uma das grandes características do espírito cativo. A origem da fé do espírito cativo encontra-se no fato de que ele adere a uma posição ou a “princípios intelectuais” não por uma escolha racional, mas apenas por “hábito” (HH I, §226). Ou seja, o hábito é aquilo que leva à fé do espírito cativo⁸. Mas “habituar-se a princípios intelectuais sem razões” (HH I, §226) não quer dizer que o pequeno príncipe não conheça as coisas; diferentemente, uma das principais relações contida em *O pequeno príncipe* (entre ele e a flor) é também um processo de

⁸ Em HH I, §226, exemplifica-se a relação entre a fé e o espírito cativo na figura do cristão. Pode-se observar, ainda, uma conexão disto com o pequeno príncipe, ou seja: interpretar este em moldes cristãos. Este tipo de interpretação é feita, por exemplo, por Américo Pereira (2014). Ela ocorre ainda em uma obra que conta uma (possível) continuação do livro aqui trabalhado de Saint-Exupéry. Esta obra é “O retorno do jovem príncipe”, do escritor argentino Alejandro Guillermo Roemmers (2011), obra cujo prefácio é escrito por Frédéric D’Agay, que é ex-presidente da Fundação Antoine de Saint-Exupéry e sobrinho-neto do autor de *O pequeno príncipe*. Confira, para perceber a leitura cristã que Roemmers faz de *O pequeno príncipe*, as páginas 65 e 66 de *O Retorno do Jovem Príncipe*, onde o homem que acompanha o jovem príncipe durante toda a obra explica a ele quem é Deus.

conhecimento, onde o pequeno príncipe conhece a sua flor em um viés sentimental – de fé e de amor. Esta forma de conhecer pode ser vista no seguinte trecho, retirado do capítulo XXI de *O pequeno príncipe*:

A raposa se calou e ficou olhando demoradamente para o pequeno príncipe:

- Por favor... cativa-me! – disse ela.

- Eu gostaria muito – respondeu o príncipe –, mas eu não tenho muito tempo. Eu tenho de fazer amigos e muitas coisas para conhecer.

- Não se conhece as coisas que não se cativa – disse a raposa. (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 70)

Conhecer verdadeiramente, na visão da raposa, ocorre apenas quando se cativa algo ou alguém. Esta visão é fortificada na interpretação de Américo Pereira, em seu texto *A importância da Rosa*, na qual ele escreve:

[...] O amor diferencia e permite ver a real realidade das coisas: «Não se conhece senão as coisas que amamos [...]».

E é esta a grande pedagogia, a grande lição ontológica desta narrativa: apenas o amor permite a literal onto-logia, isto é, a descoberta do sentido de cada coisa e de todas as coisas e seu todo, em seu movimento, pois apenas o movimento acompanha o logos das coisas, como já é perceptível no próprio pensamento de Heráclito, em que apenas o amor ao Logos universal transforma o idiota ignaro no sábio logicamente integrado em tal mesmo Logos. (PEREIRA, 2014, p. 54)

Se for lembrado que a filosofia é, etimologicamente, um “amor à sabedoria”, este pensamento de que só se pode conhecer aquilo que se cativa ganha mais relevância. O conhecimento em um âmbito mais racional parece perder força. Entretanto, esta forma de conhecer do espírito cativo, exemplificado aqui pelo pequeno príncipe, não exclui o modo como os espíritos livres conhecem, pois eles, como foi falado acima, possuem “o espírito da busca da verdade” (HH I, §225).

Contudo, os grilhões que prendem o pequeno príncipe ou o espírito cativo limitam o alcance do conhecer deles. Apenas os espíritos livres, aqueles em que “caíram os costumeiros grilhões da vida”, podem continuar “a viver para conhecer sempre mais” (HH I, §34), indicando que o seu conhecimento, comparado ao do espírito cativo, tem um alcance muito maior.

Mas o pequeno príncipe, em algum momento, quis se libertar? Ou quis retirar os grilhões de sua vida? O período em que ele sai de seu planeta, depois de se aborrecer com a flor, pode ter sido este momento de libertação, um momento em que ele, utilizando-se os termos nietzschianos, conseguiu “pairar livre e destemido sobre [...] os costumes, leis e avaliações tradicionais” (HH I, §34). No caso, o pequeno príncipe estava conseguindo “pairar livre” da sua flor. E este ato de “pairar livre” servirá para compreender uma metáfora utilizada para aprofundar o problema da presente pesquisa.

3. A metáfora do pássaro

Utilizando-se uma metáfora, afirma-se que o ato de “pairar” é realizado por pássaros que, depois de um certo tempo voando, pairam no ar para descansar. O pequeno príncipe iria começar a voar, para tomar distância de sua flor, e, depois, poderia conseguir “pairar livre” sobre aquilo que antes era a sua terra firme e o seu fundamento, ou seja, a própria flor. Esta relação entre o pequeno príncipe e o pássaro foi aqui colocada pois o narrador de *O pequeno príncipe* afirma o seguinte, quando este vai partir para longe de sua flor: “Acredito que ele se aproveitou, para a sua fuga, de uma migração de **pássaros selvagens**” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 34, grifo nosso). Talvez não tenha sido à toa que o pequeno príncipe partiu de seu planeta com a ajuda de pássaros, tendo em vista que estes possuem um sentido de libertação – e, da mesma, forma, observa-se que o pequeno príncipe não apenas partiu de seu planeta, mas realizou uma “fuga”.

Este momento de libertação fica mais evidente ao se perceber que também não é em vão que estes pássaros que ajudaram o pequeno príncipe sejam “pássaros selvagens”. Isto pois “cativar”, na obra de Saint-Exupéry aqui estudada, é a tradução dada para *apprivoiser*, que, literalmente⁹, significa: “**1.** domesticar, amansar, domar. *vpr* **2** tornar-se menos selvagem (animais), tornar-se mais sociável (pessoas)” (AVOLIO; FAURY, 2009, p. 17). Portanto (e retomando a oposição aqui discutida entre o espírito livre e o espírito cativo), os pássaros selvagens não foram “cativados”, no sentido literal de *apprivoiser*, e,

⁹Américo Pereira (2014) pretende ir além deste significado literal, ao afirmar: “«Apprivoiser» significa «criar laços». Estes laços, que não são de domesticação ou de domínio ou mesmo de familiaridade, relacionam dois entes de modo a que, entre eles, o que mais conta seja a mesma relação centrada no outro” (PEREIRA, 2014, p. 52).

assim, não são espíritos cativos: eles representam os espíritos livres, daí decorrendo o fato de estarem presentes no momento da fuga do pequeno príncipe.

O problema está em que este momento (em que o pequeno príncipe consegue “pairar livre” sobre sua flor e fugir dela com a ajuda dos “pássaros selvagens”, parecendo tornar-se um espírito livre) acabou rapidamente. O pequeno príncipe relembra constantemente da sua flor. Pensando aos moldes nietzschianos, o espírito, que quase se torna livre, continua cativo, pois ainda tem saudades da “terra” da qual fugiu:

*No horizonte do infinito. — Deixamos a terra firme e embarcamos! Queimamos a ponte — mais ainda, cortamos todo laço com a terra que ficou para trás! Agora tenha cautela, pequeno barco! Junto a você está o oceano, é verdade que ele nem sempre ruga, e às vezes se estende como seda e ouro e devaneio de bondade. Mas virão momentos em que você perceberá que ele é infinito e que não há coisa mais terrível que a infinitude. Oh, pobre pássaro que se sentiu livre e agora se bate nas paredes dessa gaiola! Ai de você, se for acometido de saudade da terra, como se lá tivesse havido mais *liberdade* — e já não existe mais “terra”! (GC, §124)*

Não se torna um espírito livre o pássaro que consegue fugir da gaiola, mas que depois retorna a ela e “se bate nas paredes” para entrar em sua prisão novamente. O pequeno príncipe teria se tornado um espírito livre caso conseguisse se libertar da sua flor, que é a sua “terra firme” e a sua “gaiola”. Ao “ser acometido de saudade da terra, como se lá tivesse havido mais *liberdade*”, o pequeno príncipe esquece-se de que encontraria mais liberdade no universo infinito para o qual estava partindo. Como se observa no livro de Saint-Exupéry, ele partiu para diversos planetas, mas não se libertou do limitado mundo do seu amor pela flor.

Diferentemente deste “pássaro que tem saudades de sua terra”, tal como se percebe em *O Pequeno Príncipe*, Nietzsche oferece uma imagem de pássaro que se torna realmente livre, ou seja, um pássaro (*Vogel*) que é um espírito (*Geist*) livre (*frei*): e, ainda, o que permitirá que a comparação com o pequeno príncipe seja melhor elaborada, Nietzsche apresenta esta imagem de pássaro também na figura de um príncipe: trata-se aqui do “Príncipe *Vogelfrei*”. Desta forma, literalmente, o príncipe *Vogelfrei* seria um “príncipe livre como pássaro”.

Nietzsche mostra, ainda, que este espírito livre como pássaro tem a capacidade de ver “*abaixo* de si uma multiplicidade imensa” (HH I, Prólogo, 4), o que significa, no presente contexto, que ele observa as coisas de forma semelhante a um príncipe, que sabe se distanciar daquilo que está abaixo de si. Por isto, Nietzsche afirmará também que este espírito tem “uma sensação de liberdade de pássaro, de horizonte” e, principalmente, de “altivez de pássaro” (HH I, Prólogo, 4). Contudo, por que o espírito livre realiza estes voos de pássaro e está sempre “escapando, evitando, esvoaçando” (HH I, Prólogo, 4)?

Retomando raciocínios anteriores, ainda da discussão inicial sobre a diferença entre o espírito livre e o espírito cativo, verificou-se que, enquanto o primeiro exige razões, o outro exige a fé. Portanto, a busca de um conhecimento seria um dos objetivos do espírito livre, ressaltando-se que aquela se pretende livre das amarras que lhe limitavam: ou seja, o espírito livre conhece livremente (enquanto o espírito cativo realiza esta busca preso a certos “grilhões”).

Neste sentido, Nietzsche afirma que aquele que “deseja seriamente se tornar livre” não deseja outra coisa senão “o conhecimento e o meio de alcançá-lo” (HH I, §228). E, nesta mesma linha de pensamento, trata a certo momento dos “homens de senso livre, que vivem apenas para o conhecimento [...]” (HH I, §291). Ou seja, uma das principais características do espírito livre é a sua busca pelo conhecimento – uma busca sem limites ou amarras.

4. O Príncipe Vogelfrei e o Pequeno Príncipe: o pássaro e a raposa

O espírito livre é livre como um pássaro (*Vogelfrei*) e é livre no pensar (âmbito do conhecimento). Ora, uma das imagens que Nietzsche utiliza, além da figura do pássaro, para desenvolver o conceito de espírito livre é o andarilho (*Wanderer*), que também permite reflexões sobre o modo como o conhecimento é buscado.

Conforme Nietzsche, quem alcançou a “liberdade da razão”, ou seja, um espírito livre, sente-se como um “andarilho”, e não apenas um “viajante” (*Reisender*): enquanto este tem uma “meta final”, aquele está sempre buscando novos rumos (HH I, §638). O pequeno príncipe foi somente um viajante: ele não conseguiu alcançar a liberdade da razão, pois “atrelou o seu coração com muita firmeza a algo em particular” (HH I, §638)

– a sua rosa. Além disto, o pequeno príncipe sempre tinha uma meta final, que era retornar a seu próprio planeta. Já o príncipe *Vogelfrei* é um andarilho, pois é livre e viaja como um pássaro, em um ato de viajar que não tem uma meta final. O príncipe *Vogelfrei*, pelo contrário, possui uma “alegria na mudança e na passagem” (HH I, §638).

Uma forma possível de identificar estas características do príncipe *Vogelfrei*¹⁰ é investigando o poema inicial dos *Idílios de Messina* (1881), reproduzido a seguir:

Príncipe Vogelfrei

Eis que me acho sobre um galho torto
Balançando o meu cansaço.
Um pássaro convidou-me,
Eu o seguí e descansei
E bato com as asas.

O mar branco adormeceu
Dorme para mim todo suspiro e dor.
Olvidei objetivo e porto,
Olvidei temor, castigo e louvor:
Agora sigo em vôo todo pássaro.

Andar passo a passo – isso não é vida!
Pé ante pé torna cansado e pesado!
Deixo que os ventos me alcem,
Adoro com as asas planar
E perseguir todo pássaro.

Razão? — é uma má ocupação:
Razão e língua tropeçam muito!
Voar deu-me novas forças
E ensinou-me ocupação mais bela,
Canto, brincadeira e folgança.

Pensar sozinho – isto é sábio,
Mas cantar sozinho — é tolo!
Então escutem minha melodia

¹⁰ A expressão *Vogelfrei* – que já apareceu anteriormente neste texto, mas que somente agora será aprofundada através do poema homônimo – ocorre, na obra de Nietzsche, desde 1873, onde ela aparece na seção 8 de *David Strauss, devoto e escritor*: “Wie kann es, wird er uns zurufen, eine öffentliche Meinung über mein Buch geben, wenn trotzdem jeder Journalist mich als *vogelfrei* betrachten und nach Herzenslust schlecht behandeln darf!” (<http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/DS-8>), que foi traduzido (com modificações) por Antônio Carlos Braga da seguinte forma: “Como, exclamava ele, pode haver uma opinião pública sobre meu livro, se, apesar disso, qualquer jornalista pode me considerar um **fora-da-lei** e me tratar mal, de acordo com seu desejo?” (NIETZSCHE, 2008, p. 67, grifo nosso, tradução modificada). Observe que *Vogelfrei* foi traduzido como “fora-da-lei”, o que ainda mantém um significado aproximado com o espírito livre.

E sentem-se calados em círculo,
Belos passarinhos, ao meu redor! (IM, Príncipe Vogelfrei)

Logo na primeira estrofe, observa-se que o príncipe *Vogelfrei* foi convidado por um pássaro, que tem o seu convite aceito: o príncipe *Vogelfrei* “seguiu” o pássaro, assim como, novamente, o pequeno príncipe fugiu com a ajuda dos “pássaros selvagens”. Já na segunda estrofe, o caráter do andarilho se faz presente: “Olvidei objetivo e porto”. Tanto o lugar de onde se partiu (“porto”) quanto o local para onde se vai (“objetivo”) são esquecidos e não têm tanta importância para o príncipe *Vogelfrei*, enquanto que o pequeno príncipe sempre lembra que deseja retornar para o seu mundo e sua rosa, que são, simultaneamente, seu “porto” e seu “objetivo”.

Contudo, por meio do poema *Príncipe Vogelfrei*, pode-se perceber um ponto em comum deste com *O pequeno príncipe*. Quando é afirmado, na segunda estrofe, “Andar passo a passo – isso não é vida! Pé ante pé torna cansado e pesado!”, poderíamos lembrar da seguinte frase de *O pequeno príncipe*: “Caminhando sempre em frente não se pode mesmo ir muito longe...” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 17). Estes dois trechos têm como ponto comum a crítica à razão linear, que deseja progredir cada vez mais (“caminhando sempre em frente”), de forma metódica (“andar passo a passo”). O príncipe *Vogelfrei* é livre também desta forma estritamente racional de pensar, e deste modo a “Razão” será considerada, como afirmado no poema, “uma má ocupação”. E por isto, ele vai “cantar com os pássaros”, o que significa, neste contexto, uma nova possibilidade de conhecimento, onde a arte, representada pelo canto, tem um papel fundamental.

Mas foi o voo aprendido com os pássaros, conforme a quarta estrofe do poema acima, que ensinou ao príncipe *Vogelfrei* ir além da simples razão linear, possibilitando que ele realizasse “canto, brincadeira e folgança”. Assim, os pássaros ensinam o príncipe nietzschiano a ser livre.

Até o momento, contudo, não se tratou de uma figura importantíssima dentro de *Le Petit Prince*, figura esta que tece diálogos extremamente ricos de significado com o príncipe da obra de Saint Exupéry. Trata-se da “raposa” que, de certa forma, conduz o referido príncipe, assim como os pássaros no poema de Nietzsche fazem com o príncipe *Vogelfrei*. A raposa e os pássaros contribuem no percurso de seus interlocutores, mas eles

teriam exatamente o mesmo papel? É necessário, para desenvolver esta questão, lembrar do diálogo inicial entre a raposa e o pequeno príncipe:

- O que significa “cativar”?
- Tu não és daqui – disse a raposa –, o que procuras?
- Eu procuro os homens – disse o pequeno príncipe. O que significa “cativar”?
- Os homens – disse a raposa –, eles têm espingardas e eles caçam. É assustador. Eles também criam galinhas. É a única coisa interessante que eles fazem. Tu procuras galinhas?
- Não – respondeu o pequeno príncipe. Eu procuro amigos. O que significa “cativar”?
- É algo que já se perdeu no tempo de tão esquecido – disse a raposa. Significa “criar laços”...
- Criar laços?
- Sim – afirmou a raposa. Tu não me pareces ainda senão um garoto semelhante a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu também não tens necessidade de mim. Eu não sou para ti senão uma raposa semelhante a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Tu serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo...
- Estou compreendendo – disse o pequeno príncipe. Existe uma flor... Eu acredito que ela me cativou...
- É possível – disse a raposa. (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 67, 69)

Enquanto no poema *Príncipe Vogelfrei* é o pássaro quem convida (cf. a primeira estrofe do referido poema), na obra de Saint-Exupéry a raposa só aceita o convite de estar junto do pequeno príncipe se este a cativar. Após afirmar que cativar é “criar laços”, a raposa ainda explica que este ato terá como consequência a mútua necessidade entre aqueles que estão envolvidos na relação. A raposa constitui também, desta forma, um espírito cativo, que está tão enlaçado pelo outro que o qualifica como necessário, observando-o como “único no mundo”, o que lhe impede de ser livre¹¹, no sentido aqui trabalhado contido no conceito nietzschiano de espírito livre.

¹¹ Para Américo Pereira, contrariamente, o ato de cativação é justamente um ato de libertação. Conforme o referido comentador: “«Apprivoiser» significa, então, «fazer de alguém seu amigo». Não é um acto de cativação, de domesticação, é um acto de libertação, o único, aliás. Esta relação de amizade é o único acto de libertação porque é o acto que aniquila o deserto da indiferenciação e indiferença ontológica: «A minha vida é monótona. [...] Todas as galinhas se assemelham, e todos os homens se assemelham. [...] Mas, se tu me fizeres tua amiga, a minha vida será como que visitada pelo sol.» O amor que há entre os amigos faz com que cada um ganhe necessariamente relevo ontológico: sem este relevo ontológico, isso que precisamente faz com que se ame aquele ente especialmente, tal amor seria logicamente impossível” (PEREIRA, 2014, p. 53-54).

5. Considerações finais

O objetivo do presente artigo – analisar a obra *O pequeno príncipe* em um viés filosófico nietzschiano, atendo-se, principalmente, à figura do “príncipe *Vogelfrei*” – foi trabalhado na medida em que foram caracterizados os conceitos de espírito cativo e de espírito livre em Nietzsche, buscando-se as ocorrências destes conceitos na obra aqui estudada de Saint-Exupéry.

Em algumas passagens de *O pequeno príncipe*, verificou-se que este tinha um espírito da busca pelo conhecimento, possibilitando-se, assim, que ele fosse caracterizado como espírito livre. Contudo, o fato do pequeno príncipe sempre estar lembrando da sua rosa e do seu amor por ela permitiram caracterizá-lo como um espírito cativo, que “criou laços” ou estava “preso a grilhões”. Tal caracterização do pequeno príncipe como espírito cativo predominou ao longo da presente investigação.

O que, talvez, possa ter sido demonstrado nesta pesquisa consiste na observação de dois modos de vida muito diferentes: o pequeno príncipe e o príncipe *Vogelfrei*. Enquanto o primeiro necessita, em vários momentos, voltar para a sua rosa, o segundo tenta viajar livre e sem destino final, como um andarilho. O desdobramento do significado literal de *Vogelfrei* permitiu ainda identificar a metáfora do pássaro em *O pequeno príncipe*. Em um primeiro momento, a identificação foi direta na passagem onde os “pássaros selvagens” auxiliam o pequeno príncipe na fuga do seu mundo. Em outro momento da obra, a raposa surge como um espírito cativo, que se opõe ao pássaro, em seu significado de liberdade ou, em termos nietzschianos, de espírito livre. Enquanto o pássaro se torna livre, a raposa quer ser cativada.

Desta forma, as investigações sobre as noções de espírito cativo e espírito livre aplicadas ao pequeno príncipe e desdobradas na noção de pássaro ou na interpretação da figura da raposa permitem concluir que *O pequeno príncipe* oferece ensinamentos sobre o modo de se viver ou de se relacionar com os outros que se assemelham às características encontradas no conceito de espírito cativo aqui trabalhado a partir de Nietzsche, características estas que são criticadas pelo filósofo alemão, que propõe o espírito livre como outra possibilidade de vida.

Referências

- AVOLIO, J. C.; FAURY, M. L. *Michaelis*: dicionário escolar francês. 2ª. edição. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.
- BIANQUIS, G. *Nietzsche en France. L'influence de Nietzsche sur la pensée française*. Paris: Felix Alcan, 1929.
- CHALITA, G. *O pequenofilósofo*. Ilustrações de Thais Linhares. São Paulo: Globo, 2011.
- FERREIRA, A. B. H. *Miniaurélio Século XXI Escolar*: O minidicionário da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- GOMES, D. O. Saint-Exupéry, na margem dos amigos. In: *Anuário de Literatura*, Florianópolis, p. 69-81, jan. 2003.
- LE RIDER, J. *Nietzsche en France. De la fin du XIXe. Siècle au temps présent*. Paris: PUF, 1999.
- NIETZSCHE, F. W. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. *Aurora*: reflexões sobre os preconceitos morais. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke Briefe*. Edição e organização: Paulo D'Iorio. Disponível em <<http://www.nietzschesource.org/>>. Acesso em 29 abr. 2016. (eKGWB)
- _____. *Humano, demasiado humano*: um livro para espíritos livres. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *Primeira consideração intempestiva*: David Strauss, sectário e escritor. Tradução Antônio Carlos Braga. São Paulo: Editora Escala, 2008.
- _____. *Sämtliche Briefe: Kritische Studienausgabe*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1986. (KSB)
- PEREIRA, A. *A Importância da Rosa*. Estudo sobre a obra *Le Petit Prince*, de Antoine de Saint-Exupéry. Covilhã: Lusofia, 2014.
- ROEMMERS, A. G. *O Retorno do Jovem Príncipe*. Tradução de Paulo Afonso. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- SAGNOL, M. “La première réception de Nietzsche em France: Henri Lichtenberger, Charles Andler, Geneviève Bianquis”. In: PRONSCHLEGEL, C. und STINGELIN, Martin (Hrsg.). *Nietzsche und Frankreich*. Berlin: De Gruyter, 2009.
- SAINT-EXUPÉRY, A. *O pequeno príncipe*. Tradução de Isolina Bresolin Vianna. São Paulo: Caminho Suave, 2015.
- VASCONCELOS, J. G. Nietzsche e Saint-Exupéry: o super homem e o pequeno príncipe revelam-se no sonho e na embriaguez. In: *Educação em Debate*, Fortaleza, ano 22, v. 2, nº 40, p. 7-15, 2000.
- WANG, M. “Homme Exepérien et Surhomme nietzschéen”. *Studies in Literatur and Language*. Vol. 11, nº 6, 2015.